

50
anos



ORGANIZAÇÃO
INTERNACIONAL
DO CAFÉ

CF 3/13

15 agosto 2013

Original: inglês

P



3.º Fórum Consultivo sobre Financiamento do
Setor Cafeeiro
10 setembro 2013
Belo Horizonte, Brasil

Estudo de caso A
Fase pré-cooperativa:
Primeiros passos nas organizações de
cafeicultores

Antecedentes

1. O 3.º Fórum Consultivo se realizará no dia 10 de setembro de 2013, terça-feira, das 09h00 às 17h30, em Belo Horizonte, Brasil, durante a semana da 111.ª sessão do Conselho (ver informações sobre as reuniões da sessão no documento ED-2153/13). O objetivo do evento é identificar melhores práticas e divulgar informações aos Membros sobre agregação como plataforma para conseguir maior eficácia no acesso a financiamento e gestão de risco. Os termos de referência preparados pelo Grupo Central foram distribuídos no documento ED-2158/13. Membros da OIC, observadores e representantes do setor privado participarão do Fórum. Especialistas em agregação e agricultores de diferentes áreas geográficas e zonas de cafeicultura também foram convidados e formarão um "núcleo de especialistas" para o evento. O programa do Fórum será distribuído separadamente.

2. Um conjunto de sete estudos de caso, com perguntas para discussão, foi preparado por consultores como base para a troca de ideias em pequenos grupos de delegados e especialistas. O propósito deste exercício é engajar todos os participantes na identificação das melhores práticas e dos desafios que os agricultores enfrentam no desenvolvimento de suas organizações ou na concretização eficiente de seus objetivos. Este documento inclui o estudo intitulado **Fase pré-cooperativa: Primeiros passos nas organizações de cafeicultores**.

Ação

Solicita-se ao Fórum Consultivo que aprecie e discuta este estudo de caso.

Discussão em grupo: Administrando e incentivando o crescimento de grupos de cafeicultores

Estudo de caso A

FASE PRÉ-COOPERATIVA: PRIMEIROS PASSOS NAS ORGANIZAÇÕES DE CAFEICULTORES

ANTECEDENTES

Este estudo de caso se baseia em um país onde a cafeicultura tem muitos anos de história. Depois de décadas de controle estatal absoluto através de cooperativas, o setor cafeeiro foi totalmente liberalizado no início dos anos 90, mas o governo continuou responsável pelo controle de qualidade do café de exportação. A produção, que nos últimos anos flutuou entre 2 a 4 milhões de sacas, vem principalmente de 450.000 pequenas propriedades. De cultivo intercalar, o café é a principal fonte de recursos pecuniários dessas propriedades. Embora novas variedades com alto rendimento, maturação mais rápida e resistência à ferrugem estejam disponíveis, a maior parte dos cafeeiros em produção ainda é das variedades mais antigas. O Robusta é quase todo seco ao sol, mas esforços vêm sendo feitos para reintroduzir processamento por via úmida. Embora o processamento da maior parte do Arábica (12% do total) seja feito em despoldadoras manuais, está-se tentando modernizar o processamento com a introdução de sistemas integrados de despoldamento ecoamigáveis. Nesses sistemas, a polpa e a mucilagem são removidas ao mesmo tempo e pouca água é usada, o que os faz particularmente apropriados para os pequenos cafeicultores.



Café orgânico maduro, foto de Erica Spizz

Notando que o setor desenvolveu uma capacidade de processamento cinco vezes superior ao atual nível de produção na lavoura, a maioria dos membros da associação comercial que anteriormente se ocupavam de atividades de processamento e comercialização se deu conta da necessidade de começar a investir na produção e na melhoria da qualidade; de outra forma, o país poderia começar a perder alguns dos grandes compradores de café para países onde a oferta é mais estável. As relações do setor cafeeiro com o governo ainda não apoiam o desenvolvimento coordenado do setor. Julga-se que o setor privado é fragmentário e fraco e que o governo não é receptivo a suas iniciativas.

Este estudo se divide em duas partes, para pôr em relevo as diferentes perspectivas: 1) memorando do diretor administrativo da companhia ao pessoal de chefia, dando uma ideia de por que e como agrupar os cafeicultores; e 2) cafeicultores discutindo uma reunião com a companhia no futuro, para discutir esse agrupamento.

MEMORANDO: ACE COFFEE COMPANY

Do: Diretor Administrativo

Ao: Pessoal de chefia

Como nós discutimos na última reunião do pessoal, nossa nova unidade de processamento só está operando com 35% da capacidade, devido ao pequeno volume de café que a companhia vem recebendo – e isso é

insustentável. Precisamos receber mais volume para aumentar o fluxo. Eu decidi que, por isso, nós precisamos estabelecer uma relação direta com os produtores, em vez de continuar a depender dos compradores, que estão atuando como intermediários. Um motivo é que a comercialização está tão cara que os produtores não conseguem se organizar para juntar seu café em volumes econômicos. Meu plano é reunir os produtores em grupos de 50, indicar um chefe e pagar o chefe para juntar o café dos membros do grupo num determinado lugar, para entrega de acordo com o cronograma que a firma estabelecer. Com isso, vamos poder pagar um preço de porteira de fazenda 5% maior, mas ainda menor que o que estamos pagando aos compradores. Com todos os exportadores não licenciados que têm aparecido, a concorrência pelo produto só vai aumentar, e por isso nós precisamos agir depressa.

Outro problema que talvez seja preciso enfrentar no futuro é o da queda de produção. A ferrugem em dois distritos do leste do país sem dúvida cria uma situação difícil, mas eu creio que a razão principal de uma produtividade tão baixa é que os produtores simplesmente não estão seguindo boas práticas agrícolas como o uso de fertilizantes. Eles também não estão pulverizando na hora certa e, quando estão, frequentemente é com pesticidas que põem em perigo espécies ameaçadas da Lista Vermelha. Se isso der notícia, nossa posição no mercado internacional pode ficar prejudicada. Em suma, os cafeicultores não estão levando sua produção suficientemente a sério. Talvez precisemos cuidar da provisão de melhor extensão no futuro, mas, em vista do aumento da despesa que isso acarretaria, deveríamos tentar conseguir que o Ministério da Agricultura se encarregasse dessa área.

Para nossa próxima reunião, estou incluindo os seguintes itens na ordem do dia. Peço que pensem neles e venham preparados para apresentar ideias:

- Como organizar os cafeicultores em grupos de forma que traga benefícios à Ace? Quem deveríamos usar para formar os grupos – funcionários de extensão do Ministério? ONGs atuantes?
- Quem indicar como presidente do grupo: Chefe local? Maior produtor de café? Professor (por ser alfabetizado)? Agente de extensão do governo? Quanto ele deve ser pago?
- Como incentivar de forma econômica o uso de melhores práticas de produção: cartazes, rádio, folhetos?
- Preparar um mapa de pontos de coleta que possam receber caminhões de 40 toneladas.
- Preparar um cronograma de reuniões para introduzir o conceito de grupos e começar o processo de organização.

REUNIÃO DE CAFEICULTORES

Vários amigos começaram a discutir a próxima reunião anunciada pelo agente local de extensão sobre grupos do café. Logo outros cafeicultores se reuniram a eles e a discussão continuou por várias horas, às vezes se tornando bastante acalorada. Aqui está uma seleção dos comentários mais interessantes, organizados em tópicos:

1. Atitudes dos agricultores em relação à cafeicultura

- “Eu tenho mais ou menos $\frac{1}{2}$ acre de café. Eu estou mantendo o café, mas cada safra ele dá menos. Eu não faturou muito, mas parece dinheiro que vem de graça – eu gasto pouco e ganho um pouquinho, mas, se o café cair muito, eu passo para o milho.”
- “Eu acho que sou cafeicultor. Eu tenho 15 acres em produção, mas não consigo fazer o café render o que o agente de extensão disse que ele devia produzir. Fertilizante é tão caro que eu só uso metade da recomendação. Também, ter que viajar até a cidade para comprar e depois arranjar transporte de volta é mais amolação e despesa. Com a mão de obra e as outras despesas, eu mal faço para cobrir os custos.”

2. Problemas de produção

- “Este ano eu não consegui podar o café, pois, no começo, o milho me deu muito que fazer. Comida que chega é mais importante do que a renda pequena que eu perdi. Se eu conseguisse melhor semente de milho, eu ia ter mais tempo para o café.”

- “Meu pulverizador de mochila quebrou. Quando eu arranjei outro emprestado com meu irmão, era tarde demais. Eu pulverizei assim mesmo, mas eu tenho certeza que não adiantou nada.”

3. Insumos

- Eu ouvi agora mesmo no rádio que tem ferrugem vindo por aí. Eles falaram que tem café que não fica doente, mas eles não contaram onde a gente pode conseguir mudas. E eu aposto que é caro. Quem sabe se a ONG que deu fertilizante para a gente faz dois anos também pode dar as mudas agora.”
- “O pesticida subiu, e eu comprei outro, barato. Não adiantou.”

4. Comercialização

- “Eu tenho certeza que comprador que compra o café da gente – até o Charles, que é produtor grande na vila – engana a gente o tempo todo. A gente não sabe quanto as firmas estão pagando, mas com certeza é bastante. Vocês lembram como era bom quando comprador vinha com dinheiro na mão e a gente não precisava fazer empréstimo na cooperativa?”
- “O irmão do Honest, que está estudando nos Estados Unidos, diz que o pessoal lá paga US\$1 ou mais por uma xícara de café. Se eles têm tanto lucro, porque é que nós recebemos tão pouco? As firmas estão passando a perna na gente.”
- “Por que é que o preço do café varia tanto? Um ano, o preço está alto; o outro, ele cai tanto que, até com uma boa safra, a gente perde dinheiro.”

5. Trabalhando para a firma

- “A Ace Coffee diz que quer trabalhar com a gente e que a gente devia vender café para ela. Nós tentamos antes e não funcionou. Ela não quis garantir o preço; aí a gente vendeu para o primeiro comprador que apareceu com dinheiro na mão.”
- “As firmas passam aqui prometendo uma porção de coisas, depois elas não cumprem. Oito anos atrás, nós juntamos o nosso milho, a firma veio buscar e nunca pagou a gente. Por que é que nós vamos acreditar na Ace Coffee?”

6. Experiência passada de grupos e cooperativas de cafeicultores

- “A gente tinha uma associação de produtores faz seis anos. Quem formou foi uma ONG, para negociar café. A ONG construiu um secador para nós e prometeu uma despoldadora, mas aí eles perderam o financiamento. Na primeira safra, eles falaram para a gente segurar o café até o preço subir, mas a gente tinha que pagar a escola das crianças; por isso nós vendemos para os compradores, como sempre.”
- “Tantas ONGs e agências do governo passaram por aqui com projetos e promessas, mas a situação nunca melhora”.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO

1. Qual o motivo central da decisão da Ace Coffee de criar grupos de cafeicultores? Quais são alguns dos pontos fracos desse enfoque?
2. Quais as principais preocupações dos cafeicultores com a produção de café para gerar recursos pecuniários? Como a Ace poderia lidar com essas preocupações?
3. Onde você acha que os interesses da firma e dos cafeicultores podem confluir? Onde esses interesses entram em conflito?
4. Em sua opinião, a Ace e os cafeicultores vão conseguir trabalhar juntos com sucesso? Em caso afirmativo, como é que a relação precisaria ser estruturada para beneficiar os dois lados?